

# INTERFERÊNCIAS NO PROCESSO DE COMPREENSÃO DE TEXTOS EM LIBRAS: A VARIAÇÃO E A PROFICIÊNCIA LINGUÍSTICA.

*Valdemar Barbosa Lima Júnior\**

*Luiz Antônio Ribeiro\*\**

**Resumo:** Este artigo tem como princípio a análise de alguns fatores que refletem na incompreensão de textos em Libras. Os textos citados são textos sinalizados com um código linguístico de modalidade visuoespacial, em que os parâmetros ocorrem de forma simultânea, diferentemente do texto em língua portuguesa, que é linear. A partir da experiência e da pesquisa bibliográfica, em certos momentos na nossa interação e principalmente durante as interpretações da língua de sinais, percebemos que ocorrem certas incompreensões na leitura do texto, tanto por parte do surdo, quanto do ouvinte. Procuramos investigar fatores que interferem na compreensão, como a variação e a falta de proficiência linguística durante as interações entre os usuários da Libras. O objetivo da reflexão foi identificar as causas da incompreensão, a fim de propor um aprimoramento dos textos para que ocorra um efetivo entrosamento na comunicação por meio da língua de sinais. O estudo fundamentou-se em pesquisas empíricas e bibliográficas.

\* Faculdade Pitágoras/MG

\*\* Instituto Federal de Minas Gerais

**Palavras-chave:** incompreensão; textos; Libras.

## Introdução

**E**sta análise surgiu da necessidade de averiguar as interferências no processo de interpretação da língua de sinais e algumas causas da incompreensão de textos produzidos por usuários da

língua de sinais do Brasil. Acerca da experiência como tradutor/intérprete, percebemos que, nas interações, nos momentos em que não ocorre uma interpretação, bem como nos momentos em que há a tradução e interpretação, nem tudo que é falado é perfeitamente entendido pelos



leitores em certas ocasiões. Essa incompreensão ocorre de surdo para surdo, de intérprete para intérprete, do surdo para o intérprete e vice-versa. Dentre os entraves citados, encontram-se: a falta de proficiência na língua de sinais e na língua portuguesa, português sinalizado, regionalismo, dialeto, idioleto, falta de expressão facial/corporal, falta do uso de classificadores, falta de práticas interpretativas e das técnicas de tradução/interpretação. Nessa pesquisa, o foco foram os dois grandes entraves na comunicação em Libras: a grande variação existente e a falta de proficiência dos usuários.

Tem sido constatado ao longo do tempo que muitos intérpretes não são compreendidos no Brasil. Nos últimos congressos, em que surdos brasileiros estavam presentes, a reclamação pela falta de entendimento da interpretação da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais foi declarada diante de todos os participantes. E o que acontece na interpretação da língua brasileira de sinais para a língua portuguesa? Por que os intérpretes, normalmente não gostam de fazer essa versão? (QUADROS, 2003, p. 85).

Os surdos, em certos momentos, não compreendem a

sinalização do intérprete. São vários os fatores que influenciam na incompreensão, como já citamos. Diante disso, o intérprete de língua de sinais enfrenta impasses ao fazer a interpretação da sinalização do surdo, principalmente no que tange à interpretação Libras/ Língua Portuguesa.

Na fala do tradutor/intérprete (A), a dificuldade é evidenciada quando diz: "Sinto insegurança no momento da interpretação sinal/voz, pois muitas vezes não está claro no texto do surdo qual o tempo verbal a que ele se refere, sendo necessário anteriormente perguntar ao surdo o contexto do que vai ser falado. A falta de prática nesta modalidade também é um entrave." Já para o tradutor/intérprete (B), expressa que: "Em minha opinião, as duas modalidades são difíceis e o que faz a sinal/voz ser mais trabalhosa é a ausência de exigência do público surdo neste tipo de modalidade e isto se deve à falta de proficiência na Libras por parte de alguns surdos." Diante das opiniões, as dificuldades existentes neste tipo de interpretação acontecem pela falta de prática, experiência na área, fluência na língua de sinais e clareza no texto construído pelo surdo. Este último item acontece devido à ausência de proficiência linguística por parte de alguns surdos, e o intérprete, ao se





confrontar com tal situação, sente muita dificuldade de interpretar. É válido ressaltar que existem profissionais que dominam as línguas que interpretam, possuem proficiência e competência tradutória, mas, ao interpretar surdos que não dominam a língua de sinais, não realizam de modo satisfatório a interpretação. (SOUSA, 2010, p. 64).

Tanto o surdo quanto o ouvinte, usuários da Libras, enfrentam entraves na comunicação e na interpretação da língua de sinais, daí a importância de refletir sobre os fatores que influenciam na falta de compreensão dos textos. Para isso, tomamos como base os referenciais teóricos da língua de sinais, dos atos tradutórios e interpretativos, de modo a compreender melhor os entraves gerados durante a interpretação. Tratamos da língua de sinais enquanto sistema linguístico em desenvolvimento, da importância da proficiência dos usuários e da grande variação linguística existente na língua de sinais.

### **As variações da Libras**

A Língua Brasileira de Sinais – Libras se tornou oficial por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, sendo regulamentada pelo Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005.

Entretanto, ainda não temos um registro padronizado dos signos linguísticos.

Assim como as línguas orais, a Libras também passa por processos relacionados a regionalismos, idioletos, inovação do léxico e desuso de sinais. Até há pouco tempo, a Libras era considerada língua ágrafa. Conhecida como Sign Writing, a escrita de sinais, que registra os movimentos, as formas das mãos, as marcas não manuais e os pontos de articulação, está em processo de desenvolvimento. Segundo Neiva:

Língua de Sinais, denominada Libras no Brasil, é utilizada por uma minoria de usuários. Oficializada em 2002, a Libras ainda está em processo de investigação e não temos uma descrição das possibilidades de construção da mesma, não sendo possível em muitos casos a consulta a enciclopédias, glossários de termos técnicos ou à gramática da língua. (NEIVA, 2010, p. 138).

Há muitas variações na língua de sinais que interferem na harmonia da comunicação. Embora, em todas as línguas, as variações sejam naturais, devemos pensar sobre até que ponto essas variações influenciam na leitura e compreensão





do texto. Mesmo na escrita da língua de sinais, há divergência de um sinalizador para outro. Vallerie Sutton, que criou o Sign Writing em 1974, passou por tal experiência.

Certa ocasião, ela foi visitar uma região da Dinamarca que fala um outro dialeto. Estando lá, Valerie teve dificuldade de entender o dialeto e passou a usar a escrita para se comunicar com uma senhora. Apesar de falarem diferentes dialetos do dinamarquês, a escrita era a mesma. Nesse sentido, o "padronizado" torna-se uma vantagem e parece estar associado com a escrita. (QUADROS, 1997).

A escrita contribui para a padronização e uma melhor comunicação. A escrita de sinais é bem recente no Brasil. No ano de 1996, a PUC do RS, em Porto Alegre, por meio do Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa, descobriu o SignWriting enquanto sistema escrito de sinais usado por meio do computador. Ele observa que

Atualmente, estamos discutindo a produção escrita padronizada. "Padronizada" no sentido de escrever o mesmo sinal usando os mesmos "grafemas". Essa questão foi o tópico da última discussão na lista do SignWriting (maio de 1998). A produção escrita dos sinais difere de pessoa

para pessoa. Cada um escreve como acha que deve ser escrito. Eu percebi que isso estava acontecendo no primeiro curso de SignWriting ministrado na PUC do RS em Porto Alegre em 1997. Cada aluno produzia o mesmo sinal de forma diferente. Alguns eram mais simples ou mais detalhistas do que outros. Isso faz parte de um processo natural. O inglês quando começou a ser escrito passou por esse mesmo processo. Cada pessoa escrevia o som da forma que achava mais adequado. A escrita passou a ser padronizada ao longo do tempo com a invenção da imprensa. A imprensa foi o meio em que a escrita foi difundida rapidamente. A escrita tornou-se pública e naturalmente foi sendo padronizada. (QUADROS, 1997).

Na medida em que os estudos e as pesquisas proliferam, esperamos uma melhor padronização da escrita e, por sua vez, uma padronização da língua de sinais. É primordial que haja grupos de estudos que troquem esses signos e os registrem para que não percamos o material linguístico ao longo do tempo. Ao pesquisar os meios onde há registros da língua de sinais, percebemos muitas diferenças nos sinais, as quais se manifestam de um estado para o outro e até mesmo de uma cidade para a outra. Muitas dessas diferenças acontecem, não





devido à localização do usuário, mas pela falta de interação e convenção do signo. No que diz respeito a essa convenção, Bakhtin/Volochínov afirmam:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação dessas formas ocasiona uma modificação do signo. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 45).

Uma modificação no signo pode comprometer o entendimento de toda a sentença. Essas modificações ocorrem devido à falta de interação dos usuários da Libras, que se dá de forma interrupta por serem minorias, por viverem socialmente afastados das comunidades, conforme atesta Zeshan:

[...]...devido ao extremo isolamento linguístico que as pessoas surdas podem enfrentar e que produz os conhecidos sistemas de sinais caseiros improvisados e idiossincráticos, de funcionalidade relativamente limitada (ver, por exemplo, o trabalho de Goldin-

Meadow, 2003), não desenvolvidos entre pessoas ouvintes. (ZESHAN, 2006, p. 46)

A grande variação na Libras envolve fatores como: a influência dos ouvintes que não dominam a Libras, o isolamento do surdo, a criação de sinais feita por surdo ou intérprete individualmente, a falta de interação e convenção dos sinais, a não aceitação dos sinais de outras comunidades. Como não existe um dicionário brasileiro padrão da língua de sinais, a falta do léxico incentiva ainda mais a criação isolada de sinais para preencher a comunicação entre os usuários. Isso acontece tanto nos meios religiosos como nos educacionais, haja vista que os surdos têm adentrado nesses espaços mais e mais. Souza observa que

Com o intuito de preencher essa lacuna terminológica de maneira imediata, o tradutor/intérprete de Libras convencionou alguns sinais com os surdos em sala de aula, podendo cada grupo criar sinais diferentes para o mesmo referente. Outro recurso utilizado pelo profissional é a datilologia, que é um empréstimo da língua portuguesa, além de uso de imagens para representar os termos sem sinais. (SOUSA, 2011).





Criar sinais fora do senso comum dificulta a interação com indivíduos novos no contexto social daquele indivíduo, uma vez que não há convencionalidade do signo linguístico. Sendo assim,

Quanto à criação de novos sinais é importante que em consonância estejam os surdos, tradutores/intérpretes de Libras e profissionais das áreas específicas, para que desenvolvam os mecanismos para a ampliação do léxico na língua e decidam de forma coletiva a validação dessas criações lexicais. (SOUSA, 2011).

É preciso pensar em um certo padrão da língua de sinais quando interpretamos um texto, para que haja fluidez e naturalidade na comunicação. O surdo que utiliza a língua portuguesa junto com a Libras nas suas produções confunde o leitor que o interpreta. Já o surdo que não tem proficiência sinaliza sentenças muito reduzidas a ponto de prejudicar a compreensão por falta de detalhes importantes. Há também os que produzem sentenças agramaticais que dificultam a compreensão das relações sintáticas do texto:

Assim como acontece com o português, a LIBRAS

também está sujeita ao fenômeno da variação em todos os níveis, porém, observa-se que o fenômeno tem ocorrido de forma mais nítida nos níveis sublexical e lexical da língua. Os fatores que desencadeiam as variações nesta língua são os mesmos que desencadeiam as variações nas línguas orais: região, classe social, grau de instrução, faixa etária, etc. (HORTÊNCIO, 2005, p. 67).

Muitos sinais criados não são regionalismos, mas sinais combinados para atender uma determinada comunicação do grupo e, por sua vez, não convencionais. Isso dificulta a compreensão de um leitor de outra região e até mesmo dentro da região. Quando o surdo usa um sinal que foi combinado entre o seu grupo limitado ou com o intérprete mais próximo, o novo intérprete pode não saber do que se trata. Existem algumas publicações que trazem sinais técnicos, sinais específicos de uma determinada área devido à demanda de vocabulário para a interpretação de disciplinas acadêmicas. Porém, muitas dessas publicações são de origem municipal ou estadual. Às vezes, são produzidas por instituições de ensino superior de um determinado lugar. O resultado é que apenas a





comunidade local conhece o significado de tais sinais, e um leitor recém-chegado não conhece o vocábulo. A incompreensão de um sinal vai dificultar o entendimento de toda a sentença na hora da leitura:

Devido ainda à inexistência de glossários específicos, os recursos utilizados pelos tradutores/intérpretes para suprir essa ausência de sinais equivalentes em Libras são aceitáveis, mas deve-se ressaltar que embora exista essa carência de sinais, a proficiência nas línguas de trabalho e a competência tradutória são parâmetros necessários para uma atuação coerente e eficiente, o que possibilita ao próprio profissional o uso da melhor forma para compensar essas lacunas linguísticas. (SOUSA, 2011).

Entre os glossários que há sobre língua de sinais no Brasil, um dos mais completos é o dicionário trilingue de Fernando Cesar Capovilla, cuja primeira versão foi lançada em 2001. Após isso, vêm sendo lançados outros compêndios, alguns específicos para cada área do conhecimento. Durante a criação do dicionário, houve uma rixa entre a comunidade surda em relação à aceitação de sinais que não eram de São Paulo. Foi preciso convencer os participantes da pesquisa quanto à

aceitação dos sinais, para criá-los. Na literatura, encontramos poucas publicações em língua de sinais, como: A cartomante, texto original de Machado de Assis; Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll; Dom Quixote, de Miguel de Cervantes; Iracema, de José de Alencar; O alienista, de Machado de Assis; dentre outros. Um fator é que há usuários que não consultam nem aceitam tais publicações por serem de determinadas regiões e por se constituírem de sinais diferentes, que não pertencem à comunidade local. Assim, a falta de interação e de aceitação de uma comunidade para outra geram muitas diferenças linguísticas. Um exemplo disso foi quando a Universidade Federal de Santa Catarina criou o curso Letras-Libras a distância, em 2006. Houve muita divergência de sinais, porém foi preciso utilizar signos padrão para uma melhor compreensão das aulas.

No que diz respeito a um contexto linguístico não padrão, Costello et. al. esclarecem:

Um exemplo claro de um contexto linguístico não-padrão é o caso das línguas de sinais, que têm um perfil sociolinguístico complexo e uma população de usuários





totalmente atípica e heterogênea. Como se sabe, as línguas de sinais são línguas minoritárias que existem em contato próximo com a(s) língua(s) majoritária(s) e apresentam uma grande parcela de variação. O fator mais decisivo para o desenvolvimento das línguas de sinais é o fato de que 90 a 95% das crianças surdas nascem de pais ouvintes. Essa porcentagem se tornou quase mítica na literatura e é constantemente citada para explicar a situação anômala das línguas de sinais. (COSTELLO ET AL, 2006, p. 340).

Tal variação pode acarretar entraves ao leitor/intérprete que faz a interpretação de sinais não convencionais, pois muitas vezes não conhece tantas variações existentes até mesmo no Estado ou cidade onde mora. Diante de um público, o intérprete pode passar por constrangimentos por não compreender plenamente a sinalização do surdo e ter sua habilidade ser questionada. A fim de garantir a qualidade da interpretação e evitar embaraços para o profissional, é recomendável que

palestrantes e contratantes dos serviços de interpretação disponibilizem, com antecedência mínima de 24 horas, os esboços dos

temas que serão tratados, a fim de que o intérprete possa preparar-se antecipadamente. Além de todas estas medidas, para garantir a qualidade da interpretação, é importante que o intérprete contate previamente o palestrante, cuja fala, ou sinalização, irá interpretar. Desta forma, poderá familiarizar-se com seu sotaque, com o ritmo de sua fala ou sinalização e fazer perguntas, objetivando a compreensão de suas ideias, a fim de traduzi-las com maior grau de exatidão. Todavia, nem todas as áreas de atuação permitem ao intérprete ter acesso, com antecedência, à documentação na língua de partida, bem como contatar previamente os participantes do evento em que atuará. (HORTÊNCIO, 2005, p.38).

A variação linguística desenvolvida na língua de sinais de forma aleatória atrapalha a compreensão da língua e, por sua vez, a interpretação pelo tradutor/intérprete. É preciso pensar formas de padronizar mais a língua de sinais, no intuito de permitir uma melhor fluidez e segurança na interpretação, não descartando a necessidade da proficiência linguística dos usuários.

### **Proficiência linguística**

A proficiência linguística dos usuários envolvidos, tanto do locutor







quanto do leitor, é fundamental para a compreensão dos textos. Outra questão refere-se à linearidade e à não simultaneidade da sintaxe usada por muitos usuários. Além disso, a falta de conhecimento das técnicas de tradução/interpretação e a aquisição tardia da língua por parte de alguns surdos são alguns fatores que contribuem para a falta de clareza dos textos de certos sinalizadores, fatores estes que interferem no processo de tradução/interpretação da língua de sinais. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais são visuoespaciais, pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos. Sendo assim, a língua de sinais apresenta uma modalidade espacial, em que a coerência e a coesão do texto se dão através das relações dos termos no espaço, ou seja, na sintaxe espacial, conforme observam Liddell e Liddell & Metzger:

o fato de as línguas de sinais serem visuais possibilita que a maior parte dos espaços mentais sejam *grounded* nessas línguas. Esses espaços mentais podem ser literalmente representados no espaço físico e sobrepostos a ele. As entidades que habitam os espaços mentais também podem ser representadas

como sendo localizadas no espaço em que ocorrem as sinalizações, e, assim, sempre estar “presentes” nesse espaço. Dessa maneira, os espaços mentais usados na construção e organização dos discursos das línguas sinalizadas podem estar sempre relacionados ao espaço onde está ocorrendo a enunciação. Segundo os autores, as entidades podem estar “presentes” no espaço físico sob a forma de uma representação mental, associada a um local nesse espaço. Os sinais de apontamento, como os pronomes pessoais, por exemplo, fazem referência de pessoa, apontando para esses locais. Os discursos nas línguas de sinais frequentemente fazem a integração de três espaços mentais em especial: o espaço real, o espaço *token* e o espaço sub-rogado. As entidades referidas por sinais de apontamento, portanto, podem ser reais, *tokens* ou sub-rogadas. (LIDDELL, 2003).

Dominar um língua de modalidade visuoespacial requer o domínio da sintaxe espacial em que a relação das palavras na frase ocorre simultaneamente no espaço. Para os usuários da língua oral, que estão habituados a usar a linearidade como na Língua Portuguesa, é um desafio impedir a influência da estrutura da língua portuguesa na produção da libras, principalmente quando ocorre a



interpretação simultânea, em que não dispomos de tempo suficiente para reformular todas as sentenças utilizando a sintaxe espacial da libras. Ao assistir a interpretação de dois intérpretes televisivos de jornais, notamos que, em certos momentos, a influência da fala afetou a interpretação simultânea, e as sentenças foram produzidas da mesma forma que na Língua Portuguesa.

A falta de uso dessa sintaxe espacial da Libras pode gerar certa confusão para quem está lendo o texto seguindo as relações espaciais. Denominamos a linearidade como português sinalizado, um forte fator de incompreensão da Libras, visto que a gramática é distinta. Nela os parâmetros fonológicos e a sintaxe ocorrem de forma simultânea, muitas vezes em ordens totalmente inversas à do Português. Quadros (2004) diz que as ordens mais usadas na Libras são: SVO, OSV e SOV. Para Goldfeld (1997, p. 37), o Português sinalizado é uma “língua artificial que usa o léxico da língua de sinais com a estrutura do português e alguns sinais inventados para representar estruturas gramaticais do português que não há na língua de sinais”. Um usuário que usa o Português

sinalizado irá confundir o leitor/intérprete durante a translação, ao fazer a mistura da Libras com o Português:

Quando o sinalizador quer narrar, por exemplo, um diálogo ocorrido entre um pai e uma mãe, ele pode representar e incorporar a mãe e sinalizar olhando para a esquerda, que é o lugar em que ele pode imaginar que está o pai. O sinalizador tem de fazer a expressão facial da mãe que ele está interpretando e agir como ela. Para interpretar o pai, o sinalizador tem, então, de sinalizar olhando para a direita dele, onde está representada a mãe, fazer a expressão facial do pai, sinalizar e agir como ele, e interagir com a entidade sub-rogada criada para a mãe. Se o pai for mais alto que a mãe, por exemplo, o sinalizador, quando assumir o seu papel, terá de sinalizar olhando para baixo, e, quando assumir o papel da mãe, ele terá de olhar para cima. (MOREIRA, 2007).

O sinalizador consciente desses espaços terá controle das relações dos termos para que a sua sinalização fique clara para os leitores. Citemos, como exemplos, os verbos direcionais: perguntar, responder, ajudar, avisar. Quando sinalizamos tais verbos com precisão em relação ao predicado, sem distorcer os locais, os leitores lerão





com clareza a mensagem dita. Assim, é importante que exploremos, de forma apropriada, as estruturas: svo, osv, sov. Quadros (1997, p.57) afirma que “o uso dos indicativos espaciais, incluindo os pronomes, permite coerência explícita e reduz a possibilidade de ambiguidade”. Quanto menos ambígua a fala, mais leve será a compreensão do leitor. Para interpretar uma língua de modalidade visual espacial, é preciso muita acuidade visual e concentração. Pereira (2010) cita que a soletração manual é tida pela maioria dos ouvintes e por muitos surdos como uma das mais difíceis tarefas na recepção da língua de sinais, a leitura da datilologia. Sendo assim, é necessária muita prática na leitura da soletração e configurações bem feitas do emissor para que o leitor compreenda o signo.

Um bom exercício para dominar o posicionamento espacial é perguntar aos usuários da Libras sobre a família: quantos irmãos os usuários têm, quantos primos, tios, quantos homens, quantas mulheres, quais são solteiros, quais são casados. Isso os induzirá a posicionar cada uma das pessoas no espaço ou nos dedos e, posteriormente, se

referirem a elas. Quanto a esse assunto, Pereira observa que

Na Libras, o estabelecimento dos referentes se dá pelo posicionamento espacial, pelo apontamento para algum ponto no espaço, pela rotação do tronco ou da cabeça e pela direção do olhar. O não estabelecimento dos referentes ou a sua troca de posições podem comprometer todo o entendimento da sinalização. Já um estabelecimento dos referentes, de forma consistente no espaço, clarifica a mensagem. (PEREIRA, 2010).

Quadros comenta que

na língua brasileira de sinais, os sinalizadores estabelecem os referentes associados com uma localização no espaço. Tais referentes podem estar fisicamente presentes ou não. Depois de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos ao longo do discurso. (QUADROS, 2004, p. 23).

Diante dos aspectos abordados sobre a língua de sinais, fazer a interpretação de surdos que não tem proficiência na Libras constitui um desafio para os intérpretes, como observa Sousa:



Diante das opiniões, as dificuldades existentes neste tipo de interpretação acontecem pela falta de prática, experiência na área, fluência na língua de sinais e clareza no texto construído pelo surdo. Este último item acontece devido à ausência de proficiência linguística por parte de alguns surdos, e o intérprete, ao se confrontar com tal situação, sente muita dificuldade de interpretar. É válido ressaltar que existem profissionais que dominam as línguas que interpretam, possuem proficiência e competência tradutória, mas, ao interpretar surdos que não dominam a língua de sinais, não realizam de modo satisfatório a interpretação. (SOUSA, 2010, p. 64).

É claro, não podemos deixar de citar a proficiência do intérprete, bem como a sua prática de interpretação, que é fundamental para um ato interpretativo de qualidade. Essa falta de proficiência do surdo ocorre por isolamento, ausência de contato com usuários proficientes em libras, baixa escolarização, falta de leitura e de produção de textos em libras. A ausência de contato gera problemas linguísticos interacionais como diz Borges e Salomão:

Assim, as relações da criança com os adultos são fundamentais para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, visto

constituir-se como um sistema dinâmico, através do qual ambos contribuem com suas experiências e conhecimentos para o curso da interação, estabelecendo uma relação recíproca e bidirecional. (BORGES E SALOMÃO, 2003).

Essa interação ocorre tardiamente ou poucas vezes pelo fato de os usuários serem minoria linguística, por estarem separados geograficamente e também pela família não dominar a língua de sinais. Há surdos de uma mesma cidade que não interagem com a comunidade, muitas vezes por imposição da família, por serem menores e dependentes. Essa falta da interação atrasa o cognitivo linguístico e dificulta a proficiência na língua:

As dificuldades geradas pelo atraso na linguagem envolvem todos os aspectos da aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo do indivíduo surdo. Uma dessas dificuldades é a abstração de conceitos, o que prende os surdos a situações mais concretas. (MOREIRA, 2008).

Como observa De Houwer:

Se a ignorância sobre o bilinguismo precoce pode causar problemas ao desenvolvimento bilíngue normal, imagine o que pode





causar no caso de crianças bilíngues com deficiência de linguagem, o que poderia ser ampliado para aquelas com atraso na aquisição de linguagem, como é o caso da grande maioria das crianças surdas. (DE HOUVER, 1997, p. 187).

De acordo com a literatura, é comum o uso de traços da primeira língua quando se está adquirindo uma segunda (CRATO, 2010). Isso também acontece com os usuários da língua de sinais, os que estão aprendendo ou aqueles que têm a Libras como segunda língua. É importante a imersão desses sujeitos na segunda língua, para que adquiram a proficiência necessária. Além disso, o conhecimento gramatical tem forte influência na produção e compreensão do texto e, nesse sentido, podemos citar a importância da pontuação. Assim como em textos escritos, usamos a pontuação para que fiquem claros os textos. Durante a sinalização, é preciso haver pontuação e pausas para que haja entendimento entre uma sentença e outra. As pontuações, na sinalização, são marcadas através de uma pequena pausa entre as sentenças. Um texto sem pontuação dificulta o entendimento e pode ter o seu sentido alterado. Por isso são

fundamentais as pausas na Libras, para que o leitor possa compreender o texto e interpretá-lo verbalmente, quando for o caso.

Para Dascal (2006), a fala:

normalmente é utilizada para transmitir uma interpretação pragmática, e o sucesso na comunicação é medido pela capacidade de o destinatário alcançar essa interpretação. Isso, quando ocorre, é o que o termo 'compreensão' geralmente abrange. Observem que a compreensão é sempre uma compreensão pragmática. Não se trata apenas de compreender as palavras do falante [...], nem de compreender tais palavras em sua específica referência ao contexto da elocução [...], e sim de alcançar a intenção do falante ao proferir tais palavras naquele contexto. (DASCAL, 2006, p. 106-107).

Fazer a leitura precisa de uma língua que passa por tantas variações, a qual muitos usuários estão aprendendo ou ainda não dominam, é um desafio. Há muitos outros fatores que podemos analisar, para que haja melhor compreensão das falas em sinais.

### **Considerações finais**

A língua de sinais, oficializada em 2002, assim como qualquer língua, tem sofrido mutações e há



pouca discussão a respeito dela. Poucas são as pesquisas sobre tal língua. Ainda há poucos surdos e ouvintes formados em Libras, e as publicações estão emergindo. É fundamental convencioná-la, para que haja uma leveza nas nossas interações com a comunidade de usuários. Pensar em sinalizações claras e convencionais é importante para que a acessibilidade linguística ocorra efetivamente. Também facilitará o trabalho dos intérpretes que atuam diariamente na translação. É necessário convencionar os sinais, deixando de lado o preconceito e melhorando a sinalização, para que não andemos por vários caminhos sem chegar a um objetivo, a uma

compreensão plena dos atos comunicativos.

Fazer a interpretação de uma língua de modalidade visual espacial é um trabalho que precisa ser discutido, e a cada dia a demanda por tal tarefa aumenta. Poucos são os profissionais que têm atuado na interpretação da língua portuguesa para a língua de sinais e vice-versa. A segurança na interpretação da língua de sinais é adquirida na prática. Quando temos acesso ao texto antes da interpretação, podemos resolver os entraves de comunicação que poderão ocorrer durante o ato interpretativo. A proficiência linguística, tanto do surdo quanto do intérprete, permitirá a comunicação efetiva.

## INTERFERENCES IN THE PROCESS OF COMPREHENDING TEXTS IN LIBRAS: THE VARIATION AND THE LINGUISTIC PROFICIENCY.

**Abstract:** This article aims to analyze some factors that reflect in incomprehension of the texts in Libras. The quoted texts are those ones which are signalled with a linguistic code of visuospatial modality, in which parameters occur simultaneously, unlike the text in portuguese language which is linear. From personal experience and bibliographical research, at certain times in our interaction and specially during the interpretation of the sign language, we have noted some incomprehension by the deaf as well as the listeners in reading the





text. We sought to investigate factors that interfere with comprehension such as the variation and lack of linguistic proficiency during interactions among the users of Libras. The purpose of reflection was to identify the causes of incomprehension in order to propose improvement of the texts so that an effective communication through sign language can be possible. The study was based on empirical and bibliographical research.

**Key-words:** incomprehension; texts; Libras.

**Artigo submetido para publicação em:** 16-09-2013

**Aceito em:** 25-07-2014

#### **REFERÊNCIAS:**

ALBRES, Neiva de Aquino. (2010) **Tradução em Língua Brasileira de Sinais de texto informativo televisivo:** reflexões sobre o processo. Ano 4, nº 1. DOMÍNIOS DE LINGU@GEM Revista Eletrônica de Linguística. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11527/6807>>. Acesso em 13 setembro 2012.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV, V. N.). (1929) **Marxismo e filosofia da linguagem:**

problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2009, 45 p.

BORGES, Lucivanda Cavalcante and SALOMAO, Nádía Maria Ribeiro. (2003) **Aquisição da linguagem:** considerações da perspectiva da interação social. *Psicol. Reflex. Crit.*[online]. Vol.16, n.2, pp. 327-336. ISSN 0102-7972. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722003000200013>> e <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722003000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000200013)>. Acesso em 17 maio 2012.

BRASIL. (2005) Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos.



Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)> Acesso em 10 outubro de 2012.

\_\_\_\_\_. (2002). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. (2004) Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. **O tradutor intérprete de Língua de sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP.

CAPOVILLA, Fernando César, RAPAHEL, Walkiria Duarte. (2001) **Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilingue da Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

COSTELLO, Brendan; FERNÁNDEZ, Javier e LANDA, Alazne. (2006) **O sinalizante nativo não-(existente)**: pesquisa em língua de sinais em uma pequena população surda. p.360. KHIT (Grupo de pesquisa em língua de sinais do País Basco). EHU – Universidade do País Basco. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference. Florianópolis, Brasil. Organizadoras: Ronice Müller de Quadros, Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos. Disponível em <[http://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo\\_port.pdf](http://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo_port.pdf) > Acesso em 26 junho 2012.

CRATO N.A, CÁRNIO M.S. (2010) **Marcação de tempo por surdos sinalizadores brasileiros**. Pró-Fono Revista de Atualização Científica. 2010 jul-set; 22(3):163-8. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pfono/v22n3/a02v22n3.pdf> > Acesso em 25 setembro 2012.

DASCAL, Marcelo. (2006) **Interpretando e compreensão**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 106- 107 p.

HORTÊNCIO, Germana Fontoura Holanda. (2005) **Um Estudo Descritivo do Papel dos Intérpretes de Libras no Âmbito Organizacional das Testemunhas de Jeová**. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Ceará.







HOURVER, A de. **Aquisição bilíngue da linguagem.** (1997) In: FLETCHER, P. E

LIDDELL, S. K. (2003) **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language.** Cambridge University Press, Cambridge, 384 p.

MACWHINNEY, B. **Compêndio de linguagem da criança.** Tradução: Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 185-208.

MOREIRA, Patrícia Aparecia Leite. (2008) **O fator linguístico na aprendizagem e desenvolvimento cognitivo da criança surda.** Disponível em <<http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/03/compar1.2.php> > Acesso em 20 julho 2012.

MOREIRA, Renata Lúcia. (2007) **Uma Descrição da Dêixis de Pessoa na Língua de Sinais Brasileira: Pronomes Pessoais e Verbos Indicadores.** 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. (2010) Intérpretes de língua de sinais e a proficiência linguística em libras: a visão dos pontenciais avaliadores. **Tradução e comunicação: revista brasileira de tradutores.** nº 20. Disponível em <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/traducaoEIinterpretacaoDaLinguaDeSinais/assets/767/Link\\_Texto\\_2.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/traducaoEIinterpretacaoDaLinguaDeSinais/assets/767/Link_Texto_2.pdf)> Acesso em 15 agosto 2012.

QUADROS, Ronice Müller de. (1997) Chapter 9. **Um capítulo da história do SignWriting**

A History of SignWriting. Written in Brazilian Portuguese. Disponível em <<http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>> Acesso em 19 novembro 2012.

\_\_\_\_\_. (1997) **educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed. Reimpressão 2008.



\_\_\_\_\_. (2004) KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed.

SOUSA, Danielle Vanessa Costa. (2010) **Interpretação Libras/Português: uma análise da atuação dos tradutores/intérpretes de libras de São Luís**. Revista Littera, v. 1, nº 1. Disponível em <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/viewFile/108/67>> Acesso em 03 outubro 2012.

\_\_\_\_\_. (2011) **O Tradutor / Intérprete de Libras no Contexto Educacional: Desafios Linguísticos no Processo Tradutório**. Edição nº 08 – ISSN 1982-6842. Disponível em <<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=656> > Acesso em 05 outubro 2012.

ZESHAN, Ulrike. (2006) **Raízes, folhas e ramos: A tipologia de línguas de sinais**. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference Florianópolis, Brasil. Organizadoras Ronice Müller de Quadros, Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos. Disponível em <[http://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo\\_port.pdf](http://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo_port.pdf) > Acesso em 03 outubro 2012.

